

LADY WINDERMERE'S FAN / 1925

O Leque de Lady Margarida

Um filme de Ernst Lubitsch

Realização: Ernst Lubitsch / Argumento: Julien Josephson, baseado na peça homônima de Oscar Wilde / Fotografia: Charles Van Enger / Cenários: Harold Grieve / Interpretação: Irene Rich (Mrs. Erlynne), May McAvoy (Lady Windermere), Bert Litell (Lord Windermere), Ronald Colman (Lord Darlington), Edward Martindel (Lord Augustus), Helen Dunbar, Carrie d'Aumery, Billie Bennett (três duquesas).

Produção: Warner Brothers / Cópia: 35mm, preto e branco, mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português, 91 minutos a 22 fps / Estreia Mundial: Picadilly Theatre, Nova Iorque, a 27 de Dezembro de 1925 / Estreia em Portugal: Cinema Tivoli, a 3 de Janeiro de 1927.

Acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

Concentremo-nos em **Lady Windermere's Fan**. Realizado em 1925, no mesmo ano de **Kiss Me Again**, provando que 1925 era para Lubitsch o ano de ouro de uma *Golden Age*, que nesse ano se gabava de juntar aos dois Lubitsch o **Gold Rush** (e o ouro não pára) de Chaplin, **The Big Parade** de King Vidor, **The Merry Widow** de Stroheim, **Der Letzte Mann** de Murnau ou **The Salvation Hunters** de Sternberg, **Lady Windermere's Fan** é a brilhante adaptação (mais pelo espírito do que pela fidelidade, uma vez que nem um só dos epigramas de Wilde passa para o filme), de uma peça de Oscar Wilde, com a qual Lubitsch fixa de uma vez por todas os seus desmistificadores retratos femininos. Nem melhor autor poderia haver do que Wilde para o tratamento aberto das relações sexuais, e das suas inferências psicológicas *"in and out of marriage"* como escreveu o crítico Greg S. Faller. A ofensa dos juízos morais convencionais (essa é uma das "aparências" que a malícia de Lubitsch mais se delicia a perverter) passa substancialmente pela criação de uma heroína que, contrariando os estereótipos da representação feminina, se caracteriza lubitschianamente pela agressividade e pela não-sentimentalidade (outras das cultivadas "aparências" do autor de **The Merry Widow**), capaz de expressar os seus desejos sexuais sem os inibitórios pânico ou a evocação analógica da figura da morte por onde convencionalmente se escapavam dignamente tão baixas vontades.

O que é que há disso em **Lady Windermere's Fan**? Não apenas um leque! Não apenas a virtude levada à enésima potência, respeitando assim a "aparência" wildeana, de Lady Windermere! O que há "disso" no **Leque** é uma atriz espantosamente bem dirigida compondo a mais acabada aparência da mulher mundana, Irene Rich, lubitschaneamente transformada em Lady Erlynne. Provas maiores: as duas cenas em que, ela envolve, aglomera, faz vir comer à mão, primeiro os homens e depois as mulheres da festa de aniversário de Lady Windermere. Prova extra-concurso: a entrada espectacular (ilusão das ilusões) em que faz crer ser seu o comprometedor leque "achado" pelos amigos de Lord

Darlington. No primeiro caso é a verdade de Lady Erlynne (e a sua verdade é a ofensa dos preconceitos sexuais) que desfaz as “aparências” dos convivas e os faz vir a ela como as crianças a Jesus. No segundo caso é a sua “aparência” que reforça as que os cavalheiros querem apesar de tudo salvaguardar, mesmo quando no íntimo.

Interrompo estas reflexões sobre o espectáculo das “aparências” sempre tão sublinhado em Lubitsch, para dar lugar ao famoso *Lubitsch touch*, tornado paradigmático pelos filmes desta segunda fase. Se houvesse que dar um exemplo – sobretudo porque todas as definições ensaiadas são sempre muito menos do que o seu *touch* parece e é – então eu não hesitaria em escolher a cena em que Lord Windermere procura ocultar à esposa a carta de Lady Erlynne que acaba de receber. Ele não chega à carta e – plano de pormenor – a mão do secreto apaixonado da sua mulher entra em campo e empurra-a para o alcance da mão de Windermere. O *Lubitsch touch* é, se fosse possível isolá-lo, esse plano. Porque não se trata apenas de uma *trouville* da planificação, mas porque esse plano significa e ao mesmo tempo perverte o que significa: sabemos todos, com esse plano, que Darlington sabe que a carta é comprometedor para Lord Windermere, mas ficamos também a saber que (perversão) a ajuda de facto dada por Darlington para Windermere ocultar a carta da mulher, dará áquele um inegável ascendente sobre o rival, na medida em que revela a Windermere que o seu segredo já não o é, e se fizerem um organigrama verão que tenho razão. Na mesma linha se situa o célebre plano do leque no cadeirão da sala de estar de Lord Darlington (e que estimável é a insídia de Ronald Colman), ou os planos do dedo de Lord Augustus premindo a campainha de casa de Lady Erlynne, ou mesmo os fabulosos enquadramentos que laminam as cabeças das três duquesas (abençoadas sejam).

Lubitsch touch, fixação dos temas: foram estas as razões que apresentei para atribuir a **Lady Windermere's Fan** a qualidade de obra-prima, onde a definição de repertório e estilo do cineasta se realizam em absoluto. Faltou referir – e também já não tenho muito espaço para isso – a fixação do terceiro personagem como catalisador (em relação ao casal). Basta dizer que, neste caso, a terceira personagem (e que catalisador) é Lady Erlynne e que a sua saída de cena, como é norma de Lubitsch, solidifica as relações afectivas do casal momentaneamente perturbadas.

Último ponto e que seria indesculpável não nomear: a prodigiosa concepção do espaço de Lubitsch. Os cenários onde evolui a aristocracia inglesa são grandiosos e vazios. Os móveis não só acentuam esse vazio mas, pequena alquimia, sublinham igualmente as firmes linhas rectas que aceitam uma iluminação quase aérea, tão ligeiro e tão leve parece ser por sua obra e graça o espaço onde pairam as personagens. Há também um jardim – nunca as rectas foram rectas – que não me deixa mentir. Reparem com atenção.

Tinha-me prometido falar das corridas de cavalos, mas falta-me tempo e fôlego. E não quero pôr mais dispersão neste texto que dela já tem quanto baste. Em todo o caso... não se pode perder a perversa variação de pontos de vista que o massacre de binóculos que varre Lady Erlynne atesta. E não se pode perder a irónica e maliciosa coreografia dos aristocráticos chapéus altos que giram para seguir a mulher que abandona o campo. Giram os chapéus e girou sempre Ernst Lubitsch (à volta das mulheres é o que eu quero dizer) com esse *charme malicieux* que, dizia Truffaut, *"faisait de lui vraiment un Prince"*.

M.S. Fonseca

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico